

Comemoração ao centenário das
Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917) de S. Freud

As relações da psiquiatria e da psicanálise

*Por Beatriz Busatto**

Quando eu conheci a psiquiatria, ainda na faculdade, anos 80, tive também os primeiros contatos com a psicanálise. Durante a residência de psiquiatria, semanalmente, um psicanalista participava da reunião de discussão dos casos clínicos. Depois da história, diagnóstico, tratamento, prognóstico, vinha a opinião do psicanalista. Seu olhar nos fascinava, pois ele via o que ninguém tinha visto! Coisas que aconteciam na relação de um certo paciente com seus familiares, emoções que o paciente tinha “gerado” nas equipes ou no psiquiatra que o atendeu, formas mentais de “funcionamento” daquelas pessoas, ideias novas para possíveis maneiras de se manejar quem atendíamos, ideias de Freud e Klein, e tantas outras riquezas que acabaram por me levar a procurar a minha primeira análise, ainda estudante.

O mundo da psiquiatria também me encantou pois foram incontáveis as vezes em que pude tratar pessoas saindo de um surto de agitação, ou de um surto paranoico com terrível sofrimento, ou de alguém deixar de se matar ou de matar um familiar pela intervenção de uma equipe multidisciplinar bem treinada, pelo atendimento de um psiquiatra responsável, presente e atualizado. E também com a possibilidade de fazer o uso consciente dos psicofármacos adequados.

Com o passar dos anos constatei, com tristeza, que as duas áreas foram pouco a pouco se distanciando. Em muitas faculdades de medicina, psicologia e sociedades de psicanálise, tem existido, parece, um fosso intransponível, tamanha a discrepância do olhar sobre o universo mental. Para a psiquiatria, nas últimas décadas, o mental e o cerebral se aproximaram muito. Os sintomas são catalogados em doenças, que por sua vez são controladas (ou busca-se um tratamento farmacológico). A psicanálise, ao menos em algumas de suas vertentes, cada vez mais se desvincula de tratamentos e se foca no universo infinito das criações da relação analista-analisando.

Pergunto-me como anda a relação médico-paciente na psiquiatria, com sua especificidade. Recordo a minha prática, e das vezes em que vi a qualidade do vínculo favorecer ou atrapalhar os efeitos das medicações.

E as situações em que os psicanalistas têm dificuldade em encaminhar seus pacientes para avaliação com um psiquiatra? E a dificuldade de aceitação do uso de antidepressivos ou antipsicóticos para pessoas em análise?

Um ponto comum: profissionais das duas áreas sabem muito bem como é difícil a compreensão por parte da sociedade, dos colegas, das famílias das pessoas que nos procuram, e até mesmo dos próprios pacientes, da natureza do mundo mental! Em vê-lo como expressões de sofrimento. Situações que requerem auxílio, atenção, investimento pessoal, observação criteriosa e principalmente, respeito. São duas áreas que viveram, e ainda vivem, os altos preços de se lidar com o mundo mental.

A esperança: que cada área possa, frente à enorme complexidade de ambas, encontrar algum espaço de diálogo e colaboração, que circule conhecimentos de um lado ao outro, mas sem forçar a barra de querer ter a verdade ou de estar certo sobre os fatos mentais.

Vou deixar algumas indicações: a Revista Brasileira de Psicanálise, volume 50 – Nº01 | 2016, publicou recentemente artigos dos pioneiros da Psicanálise no Brasil, alguns dos quais eram também psiquiatras. E fica a sugestão do filme sobre a vida de Nise da Silveira, O Coração da Loucura.

*Beatriz Troncon Busatto é médica psiquiatra, formada pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.